



**furiosa**



**furiosa** ana rüschke



**fúria** (fú.ri:a) sf. (lat. *furia*) 1. Grande raiva, manifestação de furor. 2. Cólera, ira. 3. Fig. Ímpeto forte. 4. Velocidade e veemência (na ação). 5. Coragem. 6. Pessoa furiosa. 7. Mulher desgrenhada. 8. Fig. Inspiração poética, entusiasmo, estro.



9	Rasgada
25	Sarabanda
41	Nós que adoramos um documentário
57	Inverno num país tropical
67	Agradecimentos
69	Sobre a autora





<b>9</b>	anoréxicas
<b>10</b>	teimosia
<b>11</b>	contra o céu
<b>12</b>	entorpecentes
<b>13</b>	eu vou te pegar
<b>14</b>	feira de j.
<b>15</b>	notícias interplanetárias
<b>16</b>	pequenas alegrias
<b>17</b>	Lugar-Comum 7: A Sociedade Civil
<b>18</b>	Lugar-Comum 10: Salomé
<b>19</b>	a menina das marionetes
<b>21</b>	Minhas amigas
<b>22</b>	Delicadeza
<b>23</b>	Tempo de Guerra

2005

**RASGADA**

## anoréxicas

emagrecer,  
extirpar a última gordura,  
devolver as costelas emprestadas  
e desintegrar-se em luz.

## teimosia

profundidade na sombra de um azul cintilante,  
disciplina nos 3,7 cm de delineador,  
mas gostam mesmo de mim borrada pelas manhãs.

**contra o céu**

colinas como elefantes brancos  
grama molhada  
a lua bochechuda gargalhando de estourar  
ah, a bebedeira

## entorpecentes

dos vagabundos aos homens de terno  
todos agarram  
essa solidão macia na rota de suas quedas.

**eu vou te pegar**

isso é um fato,  
o resto é futuro.



**feira de j.**

primeiro os grampos de meu cabelo despencaram  
depois foi a vez das roupas  
por fim eu própria me esponjava no chão

## notícias interplanetárias

há um outro planeta vermelho no sistema solar,  
tua falta é o eclipse de meu mundo,  
parece que houve vida em marte.

## pequenas alegrias

a araponga martelava o sol a pino  
o chorão plantado triste na curva da rua  
meu pai me contava sobre os planetas

## Lugar-Comum 7: A Sociedade Civil

A cada segundo  
comem uma criança negra  
com mostarda de febre amarela

A cada segundo  
Comem um campo de futebol da floresta verde  
com molho vermelho de barro

A cada segundo  
A cada segundo  
A cada segundo

E aquela reunião não acabava nunca... tinha vontade é de comer  
pipocas.

## Lugar-Comum 10: Salomé

E ela dança.

Seus guizos ainda molhados,  
olhos de cocaína e peito  
arfando. E ela brada:

– Tragam-me a cabeça de João Baptista!

Trouxeram-lhe na bandeja de prata, os cabelos de mendigo  
escorriam na palidez arroxeadada dos anjos decepadros.

Anticlímax e luzes brancas no palco. Algum espectador tossiu,  
sacos de pipoca.

E por não haver palavras suficientes, inventou-se o beijo:

Cravo com ódio os lábios naquela boca de impropérios.

E ela suga – os lábios duros com o resto da última saliva,  
a língua do morto solta como pedra forrada de veludo.  
Ela acaba e olha ao redor.

Salomé em luz, com o vestido branco pela lua falsa, com a cabeça  
horrenda a escorrer pela mão.

E por não haver palavras suficientes, os aplausos vieram:

No início a balir como rebanho lerdo, depois exultantes, o exército  
de mãos brancas, ante a plasticidade romântica da cena.

E ela dança.

## a menina das marionetes

como os dias não são sempre claros,  
com seus pensamentos muito compridos  
a menina fiava longos fios cinzentos.  
e com sorrisos, imobilizava mãos e pés de bonecos  
– transformava-os em marionetes.

pintava nelas as feições que lhe agradassem,  
ora tristes, ora alegres,  
e as empilhava na prateleira do quarto.  
ora tinha orgulho da coleção,  
ora tinha vergonha de ainda brincar de bonecas.

os dias não são sempre claros.

e se alguma se soltasse de seus laços  
e tentasse abrir os braços por vontade própria,  
ela chorava muito,  
se debatia e esperneava,  
vocês não têm dó de mim?  
e então as marionetes se comportavam.

mas os dias não são sempre claros.

as marionetes se comportavam.

nem todos os dias são claros.

e por algumas noites escuras,  
sem contar para ninguém,  
a menina enforcava  
pouco a pouco  
todas as marionetes nas tramas  
dos fios longos de seus pesadelos.

e desmanchava-se em lágrimas desesperadas pela manhã.

os dias não são sempre claros  
e as noites invariavelmente escuras.

## Minhas amigas

Não tinham a mínima ideia do futuro.

Mas descobriram  
que a vida – por si só –  
bastava  
e era imensa.

A rara sabedoria  
das gatas cochilando ao sol.



## Delicadeza

meus desejos,  
que me imobilizasse  
com fitas brancas de cetim  
para que elas me deixassem  
talhos e cortes na carne.  
mas ele me amarrava  
com cordas grossas e ásperas  
e me largava com nós frouxos.

meus desejos,  
que me espancasse  
com uma vareta de marfim  
e quebrasse todas as minhas costelas,  
não eram dele mesmo?  
mas ele me macerava,  
no chicote macio de couro  
que me marcava com lanhos engraçados.

meus desejos,  
que me esquartejasse  
com quatro alvos corcéis  
e me desfizesse em pedaços.  
mas ele me penetrava,  
me xingava,  
fazíamos amor e  
suspirando, dormíamos sem sonhos.

## Tempo de Guerra

Pega meu corpo de boneca  
inflável,  
língua meus dedos devagar.  
Aproveita que não éramos  
uma Penélope recalçada  
que perdeu seu homem pra  
uma feiticeira.  
Nós éramos a feiticeira.

Pega meu corpo de boneca  
inflável  
– palavras nos meus ouvidos.  
Queríamos ser a  
Maria Magdalena  
pra ter a certeza  
que conseguiríamos corromper  
o Cristo.  
Nós éramos a prostituta.

Pega meu corpo de boneca  
inflável  
e me acarícia na nuca,  
que eu não era uma  
Camélia prostrada  
e a Branca de Neve  
que conhecemos era só  
mais um vírus na internet.  
Nós éramos a maçã.

Pega meu corpo de boneca  
inflável  
– me morde nas coxas.  
Que eu não tinha as neuras  
de Mrs. Dalloway  
nosso dia nos possuía em 52h  
e no nosso cardápio

não entravam baratas.  
Nós éramos as donas da casa.

Pega meu corpo de boneca  
inflável  
– me espanca, faz o que quiser.  
Pois há muito estupraram o amor  
e não havia nada  
que sobrevivesse à cama,  
nosso front, nossa trincheira,  
com estratégias jamais reveladas  
em revistas femininas.

Pega meu corpo de boneca  
inflável  
que não era hora de se pensar.  
A cama  
o transe  
e o nada.  
Sucumbido ali no meu corpo:  
um homem  
como muitos outros homens.

E se por acaso vc não me obedecesse  
e me largasse sozinha por aí,  
encontraria um outro dia  
o sorriso sensual  
da soberba indiferença,  
que sacode os ombros e  
dá as costas decotadas no  
passo afirmado do salto.  
Nós éramos Walkírias.  
Éramos guerreiras,  
nós éramos as Walkírias.

<b>25</b>	O Poema Branco
<b>27</b>	Inocência
<b>28</b>	a canção do limpa-vidros
<b>29</b>	a ceramista
<b>30</b>	recifes
<b>31</b>	Unabomber
<b>32</b>	homenagem
<b>33</b>	Ave Maria Lola
<b>34</b>	lugar-comum 26: a estreia de um autor
<b>35</b>	sobre o ancoradouro de navios no espaço
<b>36</b>	revenant
<b>37</b>	o amor e o uso dos pronomes

2007

**SARABANDA**

## O Poema Branco

e ela montada  
no topo da bicicleta ergométrica  
uma caixinha de música  
laqueada como gelo  
a rodar, a esperar  
a agulha hipodérmica de endorfina  
para capar seu coração.

um romance raso.  
eu queria ser um esquimó  
mas entre uma faísca e outra,  
o frio da estroboscópica,  
a solidão me dá picadas  
uma cocaína negra com mel  
que me anima.

minhas mortes são semanais.  
em lençóis alugados por pernoite  
no degelo de teus cabelos negros  
de latin lover

e como você faz a tantas donzelas  
teus dedos apalpam  
minha pequena morte úmida  
e lhe aplicam um  
grito seco na canção de rádio pela tarde  
olhos pretos cheios de branco

mas agora é escuro  
pela pia de mármore duro  
ela derrama a borra de café  
que se transforma em terra  
e embala os natimortos de nossos sonhos

um romance raso.  
e ela entediada roía unhas  
na internet os esquimós  
seus pés assustadoramente descalços.

## Inocência

Nesses tempos  
em que a morte se interna no branco  
e o suicídio se hospeda no escuro  
despesas de hotel quitadas.

Restou para eles  
a conversa sobre o cheiro macio  
dos sofás do restaurante indiano  
o anoitecer cálido no copo de whisky  
nossa noite cuba libre na rumba surda  
os beijos loucos nos teus olhos de abismo  
e viagens longas nas tuas mãos famintas  
por carne fresca e novas novelas.

Pela manhã, a poluição, nossos olhos, como de choro.

O mundo,  
um buraco branco  
onde as ideias são claras  
e os tempos escuros.



## a canção do limpa-vidros

eu, um peixe de aquário, gordo,  
consumindo o que surge dessas águas turvas.

os passantes lá embaixo como polvos de patins,  
uma menina com um buraco-negro a tiracolo e  
chicletes.

ao lado dos jornais de internet,  
meus cactos morrem em sua compulsão por água.

os ursos polares serão extintos pelas geladeiras.  
na austrália, baleias se suicidam na areia.

continuo consumindo qualquer coisa que brilhe um pouco,  
eu, um peixe a apodrecer gordo nessas águas sujas.

## a ceramista

agora já são cinco privês  
antes era um prédio respeitável

escavo escadas ante a mudez  
do elevador, guilhotina pichada

no pó suspenso no ar  
catedrais de coisas abandonadas

e lá dentro chafurdo com minhas duas  
mãos nas peças de cerâmica

e como parteira tiro do barro  
um caco, um vaso, um sonho, um sopro

## recifes

entre máquinas de fliper  
sou putinha e muro velho  
na cidade alta de altares e  
na outra de caranguejos

do melaço fez-se o mangue  
e de açúcar fez-se a praia  
as palavras são verdes-claras  
e o verso vermelho escuro

sobre a terra, o rio marrom  
leito que se jorra todo  
morde com seixos e lodo  
na costa despudorada

das pradarias submersas  
de açúcar negro e de barro  
preenhe de água salobra  
um oceano deságua águas

e demarca minha terra

## Unabomber

O Unabomber, herói da minha infância,  
me disseram: é um pouco afeminado  
tal filho da vizinha, é um drogado,  
mas encanta com pompa e circunstância

Eu pagaria pra chupar seu pau  
que é dinamite dura, alta e robusta,  
cano que explode o cu dessa velhusca  
e goza nos destroços, triunfal.

O Unabomber, secreto agente CIA,  
é patriota que ama as coisas rubras,  
sua porra bazuca faz magia

e prolifera em muitas criancinhas  
que ao rugir das metralhas ficam surdas  
mas depois estraçalham coleguinhas.

## homenagem

te faço

no banheiro  
rangendo o silêncio, entre ladrilhos

## Ave Maria Lola

a porta é a mesa e não é mais a porta.

e retornas.

com roupas largas  
pelo teu corpo fino

com os úberes  
cheios de leite  
fúnebre

: este ano não haverá filhotes.

## lugar-comum 26: a estreia de um autor

esvoaça borboleta.

te nomeiam  
e adelçam tua espinha parada num alfinete.

## sobre o ancoradouro de navios no espaço

recados vencidos e  
livros encomendados não prestam

pois o amor é um homem que carrega flores  
e todos o olham

desde 1929 aguardo o telefonema  
para que me rasgue esse pijama rosa  
esculpa cicatrizes nessa boca de sorrisos

esmaltada em rótulos te espero  
nas mãos *desejo* e nos pés *fada*  
para esvoaçar por teus olhos pela luz rara dos loucos

a noite foi me atirar a outras carniças  
empapar a face de máscaras, um olho e o outro  
pé e o outro, descalços pés na calçada

o amor não se encomenda  
flores nunca foram para mim



revenant

minha mãe foi morta num século de entranhas  
quando os pássaros escuros  
emprestaram do solo o aço para suas asas

e as filhas que criou para a terra  
foram em minissaias cheias de batom e dentes  
para os soldados e empresários

e os homens que amou sobre o barro  
foram em busca de mulheres de revista e gravatas  
sumiram com as bombas com as fábricas

mas agora nossa mãe retorna

com a pestilência de um cão amordaçado  
para degelar e beber todas as neves eternas  
para assassinar todos os homens e galinhas da China

## o amor e o uso dos pronomes

meu amor me presenteia com flores esquecidas na rua  
meu amor tem pesadelos para que eu durma quentinha  
meu amor é um urso com a pelúcia por dentro

meu amor é meu  
: porque essa língua é surda  
nos enrosca e troça  
e só pensa nos possessivos.







41	a folha
42	testemunha nº 1
43	O Grande Plugue
44	caminhava por onde não devia
45	as conhecidas
46	veja, foi um delito involuntário
47	num quando
48	eu sei exatamente o quando
49	os papéis
50	culinária doméstica
52	(livro de poema sem poema de amor não é livro)
53	alerta de vírus
54	A Quarta Pessoa

2010

**NÓS QUE  
ADORAMOS  
UM  
DOCUMENTÁRIO**

**a folha**

sempre achei meio idiota isso do Anchieta  
ter escrito o poema na areia e agora tem,  
em qualquer azulejo, o nem-sei-qual-o-poema dele

aí muito mais tarde descobri  
que muito nome tem ana escrito por dentro  
e que se o branco são todas as cores juntas  
isso daqui nunca é vazio  
é mais uma gritaria tão grande que vc nem consegue enxergar.  
tenta.



## testemunha nº 1

era vitória e não ana  
como uma filha da ilha e não com esse nome de avó.

olhe, aquela ali, a menorzinha,  
uma tartaruga no horizonte, a mais escura,  
está vendo? é que hoje  
o dia está bom e dá pra ver o longe.  
semana passada nem se via.

o meu marido então era o pirata  
quando moço, uma canoa virada cheia de tintureira  
pegou a perna, rolou na arrebentação como os dentes.  
pirata é coisa do mar. já o pai é quem corta canoa,  
enfurnado no mato, guapuruvu, se der sorte,  
isso de proibir de tirar o cedro.  
mestre canoeiro que se preze morre de medo de mar.  
eu também enjojo, fico aflita, sabe?  
deus não me deu filho, nem destemor.  
e a gente vive assim, o que não é morro é braçada de mar.

turista é que não gosta quando chove  
mas chove  
uma bênção isso de lavar o barro, chove por dentro da gente  
ligo não que deus não me deu filho  
o pirata nem diz nada. ele fala bem pouco  
só quer a canoa e um dia  
e a gente fica aqui com esse monte de morro nas costas  
chove, turista não gosta, mas eu gosto.  
esconde aquela ilha que te falei.

## O Grande Plugue

À nossa geração nunca nos foi permitido ver o mar pela primeira vez.

Ele sempre esteve adentro, reluzente, o grande igual que nós mesmos

Rogamos tanto às noites que se faça novamente o escuro mas quando as preces são atendidas é só uma ilusão dos trouxas, uma ardência nos olhos e o mar esbraveja aqui dentro, monstro comedor de rocha

Já nascemos umas baleias mórbidas  
pobres diabas afogadas neste papel de luz  
E é tão mesquinho de pequeno o desejo

A gente só queria ver o maldito mar  
por favor,  
pela primeira vez.

caminhava por onde não devia  
em hora ingrata, coisas que surgem  
coisas que acontecem, que criam vida  
já morta e te engolem mastigadinho  
e vc caminha por onde não devia  
com aquele medo idiota de vítima de uns trocados  
tua sorte está na avó da tempestade esta noite  
toró que assopra o frio onde jamais haveria  
soterra os trópicos e suas felicidades em água negra.

agora patinhando nas poças que crescem em agressivos  
vazios de câncer, metástases do esquecimento fuligem  
nenhuma malfeitora agora colocaria as mãos em vc  
poderia cruzar intacta uma torcida enraivecida,  
com seu ônibus a naufragar num ódio estranho,  
caminharia entre árvores escurecidas e lameosas  
escuridão tão inócua quanto a nota de um real  
quando nunca mais circulará, moeda fora de um país  
mas que veio do pó dos ossos serra pelada  
que comprará pó de osso branco de menino que avoa, aviõezinhos  
os seguranças também voam, voam rasantes em capas de chuva  
os únicos que realmente sabem o que significa um terno preto

daí você caminharia por onde não devia  
a tremeluzir de frio e segura, tão segura na sopa de água negra  
mastigando os dentes e bendizendo a sorte  
e agradecendo, agradecendo, a gente tem que sempre agradecer

## as conhecidas

só me dizem agora de seus outros  
: os chefes, os provedores, os bebezinhos

e com soslaios obesos e encontros pouco calóricos  
dizem duns anos bons  
que mal me lembro, esqueci de dia  
comentam de sobremesa  
– ah, ana, só você mesmo.  
minha vida é de história em quadrinhos  
(embora eu a leve bem a sério)  
não sou feliz, sou triste  
e tenho um cachorrinho.

obs.: o dirceu me disse que também prefere uma vida de história  
em quadrinhos. daquelas de receber o tiro e ficar sem cabeça, no  
lugar dela, só fumaça, sabe?

## veja, foi um delito involuntário

mais tarde, as provas apontam que caí do 54º andar  
do meu próprio edifício.

veja, nem sabia que eu possuía um prédio  
ou ainda que existiriam leis, quedas e voos abortados  
agora sou o coração quebrado, ombro infiltrado  
e furos na barriga – uma pirâmide  
umbigo, ovário esquerdo, ovário direito –  
três pontos que, com o quarto imaginário, logo seriam os cardeais  
uma minicrucificação, prática e portátil  
que levaria comigo sozinha  
não mostraria para ninguém  
não levantaria a camiseta ou abaixaria o zíper da calça  
silenciaria sobre qualquer indício  
até os pontos desbotarem, até serem invisíveis  
ficarem adentro e mais adentro  
mais um desses passados contraditórios

as provas apontam que caí do 54º andar  
do meu próprio edifício  
e eu fico quieta, nessa sabedoria idiota de não gerar  
de não gerar de não gerar  
mais nada contra si mesmo

## num quando

a cirurgia foi um after hours, mas estou acostumada a ir dormir tarde  
acho que os médicos também, tão animados  
fui sim até o centro cirúrgico bem acordada e fiquei acordada,  
sinto a hack entrando entrando...  
ainda ao longe, bem corajosinha. uma conversa sobre qualquer coisa, luzes nos olhos  
para que me sinta bem iluminada, bem disposta  
de súbito lembro que não fiz depilação, e isso me envergonha mortalmente  
seria tudo filmado e colocado no youtube da faculdade de medicina, ririam de mim  
mas tenho que explicar – foi de urgência a cirurgia, não houve tempo  
nunca há tempo para nada nessas terras, apenas para ficar ali, suspensa  
e, afinal, não tenho namorado, foi uma urgência, acontece

no início, me estacionaram com o carro-maca ao lado de um cara paciente também  
podíamos até começar ali um romance,  
lembro de ter desejado ao final “boa sorte, moça” e isso acabou já com tudo, que bobo  
ele morria de medo, ia retirar uma pedra do rim e não se rendia a dormir  
eu logo disse, ah, comigo também pensaram que era cálculo renal, pela dor,  
mas depois bem viram que era uma laranja na barriga que eu tinha...  
de súbito lembro que removeram o cara paciente com seu carro-maca e com seu medo  
e fiquei pensando num poema do zukofsky, sobre uma laranja e o sol e a letra a  
estava já chorando, desesperada por estar sozinha e confundindo os poemas, estar tão sozinha,  
e a dor, bem, isso é com as mulheres

## eu sei exatamente o quando

da flecha que encrava e inflama  
ali no teu amiguinho querido  
eu sei precisamente o onde  
de minhas mãos e a certa chega ao alvo  
– ouço o estampido seco, plá!  
que cala as canções de outrora no fone de ouvido

conheço os cegos que me procuram tanto  
sei o gosto das palmas que me suplicam moedas  
mas apenas tenho nos bolsos a pobreza  
de uma moeda fora de seu país  
e sou terrivelmente infeliz  
se a cobra é imune ao próprio veneno  
e sou inteiramente cega à cegueira dos outros

ainda me pediram à srta. artista outro dia  
– dê o alarme de incêndio.  
mas não era mais necessário. ninguém precisa de um sr. ou sra.  
ou srta. artista.  
todos já sabiam. ninguém se olha. e concentrados nos seus  
afazeres,  
todos seguiam, seguiam às alturas

## os papéis

e assim ficamos  
como tudo, como sempre  
esse ever unfinished business  
sem a coragem dum chefe da máfia pra te apontar na rua as  
vias de fato

como tudo e como sempre  
with so much love  
esse isso tão difícil, a kind of rush  
um compromisso com algo mais terrível do que o amor  
o arrastado passar dos dias



## culinária doméstica

agora, na televisão, o rio é azul.

com as mãos e com carinho  
tiro todos os ossos de um frango de quarta-feira.  
entre as carnes, logo adivinhei umas  
asas de anjo submersas, plumas brancas  
e então podia ler os futuros mais profundos naquelas entranhas

: eram motoboys, que em seu orgulho de cachorro louco  
mal batem no asfalto e já voam voam como anjos decaídos  
e lá dos altos das estaías, na grande ponte do rumo ao sul  
marca-se um x, marca-se um x  
no teu coração  
para que todos vejam o que não tem nome  
o rei posto, o deus morto  
o x dos que se foram sem merecer designação  
dos que não sabem a assinatura  
para todos lembrarem que nunca se nomeia o que não há nome  
como tantos meninos a voar, furando os futuros  
agora aqui na cozinha, da televisão, o rio é azul.

como azuis são as janelas de meus vizinhos ao anoitecer  
de onde avisto que cada prédio da cidade guarda um pequeno  
cadáver  
um útero, cemitério de bichos de pelúcia desdentados,  
cadaverezinhos dos que morreram erguendo fundações  
uma cidade vasta de edifícios, horizonte estuprado, rei posto,  
deus morto  
construtor que um dia espancou a namorada, amaldiçoado  
pela boa sogra  
foi afogado numa cratera imensa entre linhas de metrô  
e hoje elas fitam fitam os grandes monumentos refletidos de  
azul e não veem homenagens

nem um nome, uma designação, nada  
agora aqui na cozinha não há palavras, nem presente, nem  
futuros  
tem dias em que a gente simplesmente não está com fome  
e nem espera ninguém pra vir jantar.  
fico olhando longe, enfasiada  
ninguém me engana sobre a cor do rio de minha aldeia.

(livro de poema sem poema de amor não é livro)

É tarde, dia claro, e num repelão há uma tempestade lá fora  
'Que barulheira' e me beijas  
Te beijo tanto, 'eu gosto de tempestades'

Amendoeiras japonesas alastram-se pela cama em pink, em preto  
É calor e chove-se tanto, nos lençóis, pelas tuas costas ensolaradas  
Dormimos mais meia hora, agora já queria mais um dia, plis,  
mais uma noite, por favor.

Percebi que a chuva desbotou meu cabelo e todos os meus  
hematomas colecionados na semana  
– com a tinta escorrida, logo brotaram minúsculas flores roxinhas  
no flanco dos travesseiros,  
essas pequenas tatuagens do acaso

Sonho tanto que te explico meu sonho. Você já se foi, economizo  
um beijo.

Na rua, foi ao chão a árvore de 6 metros de altura e 20 anos de  
comprimento  
orvalhando de folhas minúsculas carros, valas, a gente velha  
fofoqueira, os vizinhos torcedores  
domingo é um mesmo dia para tombar e já se remover – caminhões,  
a prefeitura

Telefone: Você viu a árvore que caiu?

Agora são quatro e meia,  
a tarde já se acabou pela metade, o dia se perdeu do prumo  
Domingo é um mesmo dia para adoecer e já se recuperar

Ainda às 19h40min te mandei uma mensagem, voe bem, voo  
conthigo

Estendo o bilhete da sessão do filme qualquer, o leitor vermelho  
apita.

Seguro medrosa a mão invisível da saudade. Teu cheiro, meus  
cabelos, suspiro.

Adentro o escuro.

**alerta de vírus**

*estrela de magalhães*

hoje quem brilha é a estrela de magalhães  
acima desses céus febris e chuvosos de ontem à noite

e a constelação do centauro, este meio-menino, meio-mulher,  
apresenta-se como o profeta que indica o caminho

: no hay camino.

e assim confiante, prossigo a escrever  
poemas em branco

que por absolutamente não existirem  
podem soar todos sonhos de ruas e linhas de estrelas que se  
cruzam

## A Quarta Pessoa

vem, presta atenção que a água, em sua verdade,  
nunca é doce  
: antes é o gosto de mar  
que amarga as horas  
que aninha as carnes à salga, que nos embala num marulho sujo.

E foi exatamente na quarta pessoa  
que escutei o isso,  
que mesmo aqui há homens que fazem coisas horríveis  
mentira que não adianta fechar os olhos,  
te laceram e maceram assim, vc de olhos abertos e sem  
conseguir se desligar,  
afogados lanhados em branco

Então estou aqui encolhida na praia escura  
os turistas enfurnados nas caixinhas de música  
há um condomínio, ruas mui retas & organização  
o mar é sujo, composto de animaizinhos mortos  
tudo o que foi esquecido se volta ao mar  
a água é pesada, oleosa, sem os sorrisos  
que enovelaram um dia esses sonhos.

Estou diante da máquina  
não há outros seres no horizonte  
tudo em resignação e portabilidade, máculas de areia úmida

mal faço um gesto simpático,  
e ela me copia.  
aceno tímida,  
e ela acena para mim mesma.  
tenho dúvidas, é tudo bem terrível  
isso do futuro, sem um olho, uma confirmação do pior

como se nas meninges eu tivesse fones de ouvido implantados e é só um ruído sujo, murmurejo, um rádio de ondas curtas quebrado sintonizando,

seria eu Jéssica ou Ana ou uma outra Márcia, tantas, as ideias todas e nenhuma, como nos filmes de bombardeios as conjunções pertencem a um eu, um outro.

E eu ali, sozinhas espremidas na faixa de areia entre dúvidas.

O céu baixo, encaixotados turistas com suas músicas, baleias imóveis que se esqueceram como sonhar com os dias, em que ainda existia um mundo.

Mal me reconheço, mas a voz é idêntica, abafada, microfonada, aqui já não sou e nem por isso sinto algum abraço, algo que me diga: – te quero bem, menina.

E então lá somos todos assim, já não somos descarnados, desconjugados de membros e pele.

Me acenam: aceno de volta por um braço tatuado “hello world!” aceno a todos, com o braço que poderia ser idêntico, mas se proliferam em espécies, textura, a cada um, o infinitíssimo da escolha e não somos o finalmente eu,

mas jamais seremos o nós, nem o você ou o aquele velho trouxa aqui já não se diz isso pois há gestos horríveis que ainda não foram nombrados, essa ameaça da beleza tenebrosa que virá nos visitar sem consentimento.

Mas veja: é real, real mais que o real, é o inacreditável tudo o que esperamos, o Grande Plugue que revolveria terras, arrasaria sonhos e olhos cegos, atrofiaria membros e criaria uma pessoa, longe do eu, de você e vocês aí,

o inverso, o contido em nós e ao mesmo tempo neles  
a quarta pessoa  
o nascimento, a resposta alienígena de nós mesmos  
ao que se move ali, no outro universo branco que tocamos  
devagarinho,

vem, e se você estiver  
aí do outro lado,  
por favor, arranja uma casa de molusco e põe a concha nos  
ouvidos,  
(mas se estiver longe do mar, esse mar tão monstruoso, que  
nos come adentro,  
também não tem problema  
: vira de costas pra uma avenida e fecha os olhos).  
Escuta o mar pra mim, escuta. Ouve o marulho? Salga tuas  
orelhas por amor.  
Desculpa, mas o mar e os meus dias sempre correram ao largo  
– tão de longe, é isso dos sargaços.

- 57 visibilidade total
- 58 sobre os esquemas de segurança
- 59 vê se vem, #SP13j
- 60 coríntios 13, #SP12j
- 61 o corpo é um corpo
- 62 lugar-comum 47: happiness
- 63 dias novos
- 64 lugar-comum 36: maquiagem



2015

**INVERNO  
NUM  
PAÍS TROPICAL**

## visibilidade total

nesses dias de ocupação total de todos os desejos  
(mal a palavra 'alquimia' termina de ser pronunciada e todos  
ouvem 'demagogia'),  
nesses dias que saem nos jornais que alimentam o medo que  
vende jornais,  
peço aos mortos que venham nos visitar.  
e nos sussurrem tão doces, tão amorosos  
finalmente o que está escondido.  
o que está escondido é o que se vê e não pronuncia  
nestes teus dois olhos de chuva e exílio.  
o que nos vale nessa hora  
(em que já não há mais aflição, pois há anestesia)  
é esta artilharia de ventos,  
esta prece surda à saudade do porvir  
é imaginar a saraivada certa  
das palavras impossíveis.

## sobre os esquemas de segurança

podia dizer que é o incômodo dos ladrilhos muito frios,  
o tilintar do ralador, a concha e da escumadeira se chocando  
mas é mentira, de tudo isso eu gosto e até bastante

o caso é que não vou conseguir tirar a mão da tua mão  
o caso é que vou te impedir

: como é que posso te explicar que existe  
um ponto exato em que não tenho nenhuma resistência  
e que este ponto agora não está mais sabiamente entre  
as minhas pernas – ele é guardado numa caixa  
na estante do escritório, na caixa que devia esconder os  
dólares

(mas os dólares eu guardo sabiamente entre  
os meus livros – quem vai encontrar?)  
e que o coração mesmo dei pro caçador,  
(ele acha que é o coração dum veado, mas é o meu autêntico  
mesmo,

é mais seguro assim)  
toda a estratégia dentro da estratégia pra deixar tudo bem a salvo  
pra que eu consiga segurar firme minha mão na tua mão  
te impedir, não te deixar encontrar

o tal do ponto  
(que queria tanto que vc encontrasse entre  
as minhas pernas  
perdido por ali, no coração  
da minha cozinha).

vê se vem, #SP13j

quando o barulho engrossa  
nem me vem com essa  
de ficar no canto, tapando os ouvidos

tapar os ouvidos só faz com que  
o barulho seja vc sozinho, todo o teu medo  
e medo já temos bastante nessa cidade

vem, o barulho tá aqui dentro  
sou eu, é vc  
ouve, deixa que o barulho seja  
a gente toda junta

coríntios 13, #SP12j

sequestraram o amor  
da minha própria pele

agora o amor-refém está numa salinha vigiada  
por uma câmera e dois contadores,  
enquanto o deus-empresário confere  
seus lucros, suas pessoas

queria berrar  
– pelo impeachment de deus!

mas sem amor  
não falo a língua dos homens, nem a dos anjos  
soa um som de metal que mais parece umas moedinhas

## o corpo é um corpo

o corpo é um campo  
de batalha

se diz faça diz faça  
se diz toque diz toca  
esconde encolhe esconde

meu campo é um campo  
de batalha  
de apanhadores

e quando se dirá  
amanhecer flauta  
águas-vivas liquens  
piratas areia quente  
e cavalos grávidos de mar?

: mais que nada se dirá  
quando  
um corpo for um corpo  
um corpo for um corpo  
um corpo é um corpo  
um corpo é um corpo

## lugar-comum 47: happiness

a felicidade é um rinoceronte de aço  
que te atropela  
num trago  
no rastro, mistério e treva do que é amargo

## dias novos

num 21 de junho  
no acaso da primeira hora do solstício  
– vai, abre teu coração!  
vc me pede

talvez não viu o óbvio da porta escancarada  
só as pernas e como me fode bem  
as chaves todas jogadas longe na  
promessa do *vamo trepar muito*  
– vai, abre teu coração!  
e digo que tenho medo  
(fazer a passagem é fazer a passagem)

e por detrás da tua silhueta respingada de sol  
tão querida, tão em boa hora,  
já me ilumino do que é imenso.



### lugar-comum 36: maquiagem

poesia se limita a melancolia  
dominós fatalmente errados  
reservatório de glitter e  
monstruosidades

alunizando algo entre  
punk pônei da meia-noite  
perigótica do meio-dia

a porra da pena é minha  
é de lua, é de sangue  
meus rostos minha regra  
um borrão de sol  
delineia minha sina





## Agradecimentos

*Caminhe só se quiser chegar logo.  
Para chegar longe, venha em boa companhia.*

Estes poemas não estariam nas tuas mãos sem alguns acontecimentos:

O carinho de quem me ajudou diretamente nesta publicação: **Dirceu Villa**, que me deu a ideia do livro (a culpa da execução é toda minha); **Lilian Aquino**, poeta, revisora e confidente; **Gabriela Castro**, **Gustavo Marchetti** e **Paulo André Chagas** do Bloco Gráfico, que trouxeram harmonia e beleza a um amontoado de ideias; **Juliana Gola**, rápida no teclado, que me ajudou na difusão da obra; **David Michelsohn**, que encampou o plano de lançamento numa choperia, e **Gonzalo Cuéllar**, que fez algumas fotos de perfil para divulgarmos o livro.

**Das amizades de longuíssima data**, Altivo de Oliveira Neto, André Vereta Nahoum, Fabio Moura, Fábio Aristimunho Vargas, Felipe Oliva, Felipe Sentelhas, Geraldo Vidigal, Hugo Maciel, Joaquim Mariano, Marco Antonio Granieri, Mauricio Schuartz, Paulo Moura, Patrícia Parra, Paulo Ferraz e Rafael Daud.

**Das conversas que não esqueço com** Ana Paula Ferraz, Andréa Catrópa, Andréa Moraes, Dani Narciso, Del Candeias, Fabiano Calixto, Fábio Fernandes, Flávio Ricardo Vassoler, Francesca Cricelli, Karine Kelly Pereira, Maiara Gouveia, Marcelo Almeida, Murilo Foltran, Néle Azevedo, Pilar Bu, Roberta Ferraz, Renan Nuernberger, Stefanni Marion e Vicente Sampaio. Se esqueci alguma pessoa, fica o agradecimento na figura do Dan Rolim.

**Do amor, poesia e cuidado de todos os dias** de Diego Casaes, Francine Emília Costa, Jeanne Callegari, Jussara de Oliveira, Renata Corrêa, Tarsila Mercer de Souza, Vanessa Guedes Garcia, Sabrina Alves. Ainda da minha vizinhança afetiva no BNH.

**Das viagens incríveis e antológicas** com Thiago Tavares Vidal.

**Da família pequena**, os dois Robertos Rüsche, D. Francisca Rüsche e o Canek.

Ainda preciso agradecer aos meus editores de longa amizade e data, **Eduardo Lacerda** (Ed. Patuá) e **Vanderley Mendonça** (Selo Demônio Negro), que curtiram que o *Furiosa* saísse independente, como livro de autora, a voar de minha casa a sabe-se lá pra onde. Também ao Curso Livre de Preparação do Escritor – **CLIFE**, da Casa das Rosas, grande motivação para realizar projetos.

E, ao final, nada menos importante: a **você que me lê agora**, peça fundamental para que o livro exista – é como um abraço, eu não poderia fazer isso sozinha, preciso de alguém do outro lado.

## Sobre a autora

ANA RÜSCHE nasceu em 14 de setembro de 1979. Publicou os livros de poesia *Rasgada* (Quinze & Trinta, São Paulo: 2005), traduzido e publicado no México (Ed. Limón Partido, Cidade do México: 2008, trad. Alberto Trejo e Alan Mills), *Sarabanda* (Selo Demônio Negro, São Paulo: 2007), que recebeu uma reedição pela Ed. Patuá (São Paulo: 2013) e *Nós que Adoramos um Documentário*, ganhador do ProAc (Ed. Ourivesaria da Palavra, São Paulo: 2010). Em prosa, publicou o romance *Acordados* (Ed. Amauta, São Paulo: 2007), também premiado pelo PAC, Secretaria de Cultura de São Paulo.

Doutora em Estudos Linguísticos e Literários de Língua Inglesa com a tese *Utopia, feminismo e resignação em The left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale* (FFLCH-USP), possui graduação em Letras. Também é mestre em Direito Internacional e bacharel em Direito pela mesma Universidade de São Paulo.

Como professora e/ou palestrante, já atuou nas seguintes instituições: Casa das Rosas, SESCOs, b\_arco, Academia Internacional de Cinema, Centro Ángel Rama (FFLCH-USP), Cátedra UNESCO do Instituto de Estudos Avançados (USP) em São Paulo. No exterior, no Centro Cultural Brasil-Moçambique em Maputo, na UNAM – Universidade Nacional Autônoma do México e na Universidade Diego Portales em Santiago do Chile, entre outras entidades.

Seus textos figuram em muitas revistas brasileiras, como *Revista Coyote* nº 17, *Inimigo Rumor* nº 20 (edição comemorativa de 10 anos), *Revista Poesia Sempre* nº 2. Em publicações internacionais a respeito de poesia contemporânea brasileira, podem ser citadas a revista nova-iorquina *Rattapallax*, a revista londrina *Litro* e as antologias mexicanas *Caos Portátil* e *¿Qué será de ti? Como vai você?!*. Tem a obra comentada em artigos em veículos como *Le Monde Diplomatique*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*. Seus escritos são fontes de estudo para trabalhos de conclusão de cursos na área de Jornalismo e Letras.

Escreve também sobre gastronomia. Participou com os textos de *Pois sou um bom cozinheiro: receitas, histórias e sabores da vida de Vinicius de Moraes* (Orgs. Daniela Narciso e Edith Gonçalves, Companhia das Letras, 2013) e organizou *Sobre Farinha para Sonhos: Quixote, moinhos de vento e culinária* com Dan Rolim e Vanderley Mendonça (Feirinha Gastronômica, abril, 2013). Possui formação profissional como *sommelier* de cervejas e, sobre o assunto, fez reportagens como “Quando uma mulher decide fazer cerveja” (revista *Vida Simples*, agosto, 2014) e “De bar em bar – um guia sobre cervejas artesanais em Nova York” (revista *Have a Nice Beer*, novembro, 2014).

Mora com seu cão, faz o próprio pão e a própria cerveja. Considera-se uma pessoa feliz.

ORGANIZAÇÃO Ana Rüsche  
PROJETO GRÁFICO Bloco Gráfico  
REVISÃO Lilian Aquino

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Lei nº 10.753/03, art. 6º

---

Rüsche, Ana  
*Furiosa*, 1ª ed.  
São Paulo: Ana Rüsche, 2016.

ISBN 978-85-905632-4-2

1. Poesia brasileira I. Título

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[www.anarusche.com](http://www.anarusche.com)  
[anarusche@gmail.com](mailto:anarusche@gmail.com)

A autora aqui declara que este  
material entra em domínio público  
no momento de sua publicação.



**FONTES** Maiola, Tablet Gothic

**PAPEL** Pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>

**IMPRESSÃO** Bartira